

## O PARADIGMA MECANICISTA E O PARADIGMA SISTÊMICO NA ATENÇÃO À SAÚDE: UMA ABORDAGEM SOCIOLOGICA

ROSANA DANIELA AMES<sup>1</sup>;  
; LÉO PEIXOTO RODRIGUES

*1Universidade Federal de Pelotas – rosana.ames@gmail.com 1*

*<sup>3</sup>Léo Peixoto Rodrigues – leo.peixotto@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa diz respeito ao paradigma mecanicista e ao paradigma sistêmico envolvendo o campo das práticas de saúde. O referido tema se enquadra na perspectiva teórica da sociologia da saúde.

O paradigma sistêmico contrapõe-se ao paradigma mecanicista posto que visa a cooperação e o diálogo entre diversos sujeitos participantes do Sistema Único de Saúde. O Sistema Único de Saúde não é um modelo que despreza o modelo biomédico<sup>1</sup>, mas vai além dele e o incorpora posto que inclui a autonomia de outros profissionais no tratamento de saúde. Portanto, o modelo biomédico e o modelo SUS não se excluem.

O paradigma norteia percepções, métodos<sup>2</sup> e expectativas criados pela sociedade, ou seja, o tempo todo estamos imersos em determinado paradigma na história, mesmo sem consciência disso. Envolvendo Revoluções Científicas<sup>3</sup>, “avanços” ou “retrocessos”, o paradigma não está imune a tensões, que podem culminar em mudanças. Tais mudanças não ocorrem somente no âmbito da ciência, mas também da sociedade, uma vez que esta também é constituída por uma matriz perceptiva que norteia as ações, os valores e a norma. O paradigma só é percebido quando tomamos conhecimento do mesmo enquanto base de fundamentação que norteia os saberes científicos, ou seja, domínios de explicações não relacionados a um conhecimento metódico sobre os objetos do mundo não podem ser considerados científicos (VASCONCELOS, 2003).

Importante salientar a pergunta de Dupuy (1994, p. 182): “Pode a ciência dar conta do enigma da vida, essa anomalia em direção a um movimento geral desordenado?”. De fato, é importante salientar que o paradigma mecanicista não agregou respostas científicas que contemplassem a teia complexa de fenômenos que constituem a vida. Mesmo incorporando o paradigma mecanicista acerca da mesma, a ciência ultrapassa tal paradigma em direção a um paradigma sistêmico (CAPRA, 1982). Porém, as considerações acerca da busca pela superação metodológica analítica, verificada tanto na teoria quanto na prática, não significa que a ciência esteja deixando de ser científica ou se confundindo com outros domínios de explicações (VASCONCELOS, 2003).

A partir do século XX, o pensamento simplificador e mutilador começa a ser superado por concepções que levam em conta o ambiente em que está inserido o sujeito e por variáveis culturais e econômicas mais amplas, ou seja, emergiram perspectivas holísticas de abordagem dos fenômenos. Segundo Bertalanffy

---

<sup>1</sup> O modelo biomédico é pautado no método cartesiano para compreensão dos fenômenos (CAPRA, 1982).

<sup>2</sup> Métodos científicos são regras básicas padronizadas que devem ser seguidas para o alcance do conhecimento científico.

<sup>3</sup> Estamos utilizando tanto o termo “paradigma” com “revolução científica”, conforme proposto por Thomas Kuhn (2001).

(2006), a biologia, que se concentrava em fenômenos vitais através do método da análise, começou a perceber que ele se mostrava limitado quando considerado para compreender fenômenos como a vida, que não constitui um fenômeno isolado do meio ambiente, mas constitui uma dinâmica interação entre ele.

A partir da noção de organismo, percebeu-se, no campo científico, que a análise não é um método válido para entender os sistemas. Assim, o pensamento sistêmico reelaborou a visão acerca dos fenômenos do corpo humano, vendo-os como um todo integrado, que não é mais a soma das suas partes constituintes, ou seja, as propriedades essenciais do organismo surgem das relações que ele estabelece com o meio ambiente. De fato, a partir da teoria sistêmica, os fenômenos corporais – tal como a circulação do sangue – são vistos como processos dinâmicos em constantes trocas de informações com o meio ambiente (CAPRA, 1996).

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é identificar e conhecer, no âmbito do Sistema Único de Saúde, mais especificamente no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas, quais são os fatores facilitadores /dificultadores de uma prática de saúde baseada no paradigma sistêmico, mais especificamente a partir do princípio da integralidade, considerando a perspectiva dos profissionais envolvidos nas equipes multidisciplinares de saúde.

A integralidade da assistência é um dos princípios norteadores das práticas do Sistema Único de Saúde. Assumindo significados diversos, a integralidade pode ser vista como a interligação entre as ações de prevenção e cura. Da mesma forma, a integralidade é vista como um incentivo à indivisibilidade do ser nas práticas de saúde e a consideração de seu aspecto biopsicossocial. Segundo o SUS, é impossível pensar as problemáticas hospitalares de forma isolada, sendo necessário projetar as decisões e as políticas a serem adotadas no cenário mais amplo de um sistema de saúde submetido a um conjunto de variáveis. De fato, um dos focos da integralidade se dá na medida em que articula um cuidado integral, que promete ir além da fragmentação das práticas de saúde, característica do modelo biomédico, articulando uma abordagem sistêmica em saúde.

O Sistema Único de Saúde é uma estrutura que se relaciona com os demais setores da sociedade, como as condições de vida, educação, economia, cultura e política. Tais dimensões mostram a complexidade em que está submetido o sistema, que configura interconexões entre seus fatores internos e o meio ambiente. As ações em saúde conectadas através de redes demonstram características de conexidade entre profissionais e usuários, denotando a participação social como um fator importante no Sistema Único de Saúde, implementada juridicamente a partir de 1988.

O SUS<sup>4</sup> aborda a atenção à saúde numa proposta de inclusão das subjetividades individuais do usuário, entendendo que uma prática que leve em conta as múltiplas dimensões, como psíquicas, familiares, culturais e sociais, levará à resolução dos problemas. O Sistema Único de Saúde compreende que é importante trazer uma combinação de saberes que vão além do modelo biomédico se deseja produzir uma prática integral (HUMANIZA SUS).

---

<sup>4</sup> O Sistema Único de Saúde é considerado, segundo o Conselho Nacional de Saúde, como um dos maiores sistemas de saúde do mundo uma vez que determina constitucionalmente que a saúde é dever do Estado e que deve ser direito garantido por políticas tanto sociais quanto econômicas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

O modelo biomédico<sup>5</sup> estabelece-se em meados do século XIX, fortemente pautado no método analítico. Ele consiste no modelo de uma prática assistencial centrado na doença e na hegemonia médica hospitalar. Assim, a institucionalização do modelo biomédico permitiu a redução da realidade em sua complexidade. Pautado fortemente no método analítico de conhecimento dos fenômenos, o modelo biomédico levou a consideração do ser humano como um objeto fragmentado bem como à fragmentação dos saberes (FLORENTINO, 2006). A fragmentação dos saberes, e o seu consequente isolamento, fez com que muitos profissionais se fechassem exclusivamente em seus objetos científicos e não buscassem dialogar com outras áreas.

O Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas abarca uma equipe de “humanização” em saúde, cuja proposta está centrada nos aspectos multidisciplinares, firmados através da política pública do Sistema Único de Saúde. Desse modo, o fato do Hospital Escola possuir uma atuação 100% SUS e sua proposta multiprofissional abrange uma particularidade importante para a presente pesquisa.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho segue uma metodologia de pesquisa qualitativa. Neste sentido, utilizarei uma combinação de métodos e técnicas, em diferentes momentos da pesquisa, e que se harmonizem entre si; quais sejam: a) Estudo de caso, posto que a pesquisa de fato se constitui no conhecimento, em profundidade, de um único caso – o Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas; e b) entrevistas semiestruturadas, dirigidas aos profissionais que participam das equipes multidisciplinares de saúde.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se entender o Sistema Único de Saúde enquanto inserido em uma comunidade científica que modifica os saberes e práticas acerca do objeto saúde numa tentativa de responder aos problemas não solucionados pelo paradigma mecanicista. Desse modo, o SUS envolve uma mudança paradigmática em saúde frente às insatisfações de atores sociais comprometidos com a reformulação dos serviços, que pode ser verificado pela modificação do conceito de saúde e do modelo biomédico para o modelo biopsicossocial.

A tentativa de superação do paradigma mecanicista é percebida, principalmente, porque o princípio da integralidade encontra-se exposto em muitas as discussões referentes a mudanças no modelo de saúde.

## 4. CONCLUSÕES

Diante dessas considerações, se pode afirmar que o princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde aproxima-se da ideia da multidisciplinaridade, característica do paradigma sistêmico, em contraposição a uma prática de saúde pautada somente no modelo biomédico. É possível perceber que a lógica fragmentada do conceito do corpo como uma máquina está sendo ultrapassada em direção a um pensamento sistêmico em saúde.

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que a presente pesquisa não busca enfatizar a importância do paradigma sistêmico em detrimento do paradigma mecanicista (modelo biomédico) posto que este último é considerado de muito sucesso, uma vez que as práticas de saúde ainda são construídas a partir dele.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BRASIL. **Para entender a gestão do SUS/ Conselho Nacional de Secretários de Saúde**. Brasília: CONASS, 2003.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

DUPUY, J. P. **Nas origens das ciências cognitivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

KUHN, T. **A estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MATTOS, R. A; PINHEIRO, R. **Construção da Integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2003.

PELOTAS. **Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas**. Relatório de gestão. Brasília, 2014.

VASCONCELOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2003.